

## Artigos

1 Persp. real. 29 (1997) 155-187 1

### **OS INTERECLESIAIS DAS CEBs: IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO<sup>1</sup>**

A experiência das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) tem constituído a grande e original contribuição da Igreja latino-americana para toda a Igreja universal. Quando Paulo VI, ao final do Sínodo sobre a evangelização no mundo de hoje (1974) referiu-se às CEBs como uma esperança para toda a Igreja, estava certamente convencido do valor da experiência como lugar privilegiado de evangelização<sup>2</sup>. Este reconhecimento foi igualmente partilhado por setores significativos da reflexão teológica contemporânea como "um dos acontecimentos mais importantes na atual evolução das estruturas da Igreja" (M. D. Chenu<sup>3</sup>) e "sinal prometededor de reforma da Igreja e da sociedade" (Moltmann.) Na ocasião, as CEBs encontravam-se/ no Brasil, em sua fase de irradiação criadora. Na trilha aberta

<sup>1</sup> A versão mais sintética deste trabalho foi apresentada pelo autor na Reunião da CEP-CNBB em maio de 1997.

<sup>2</sup> PAULO VI, "Discurso de encerramento do Sínodo dos Bispos", *REB* 34 (1974) 945.

<sup>3</sup> CHENU, Marie-Dominique, "Um renascimento: teólogos do terceiro mundo", *Concilium* n.º 164 (1981) 34.

<sup>4</sup> MOLTSMANN, Jürgen, "Dalla teologia politica all'etica politica", *Il Regno*, 10/507 (1984) 207. Ver ainda: ALFARO, Juan, "Dibattito teologico o attacco alle comunità cristiane?", *Il Regno* 14/511 (1984) 323; METZ, Johann Baptist. *Al di là della religione borghese*. Brescia, Queriniana, 1981, p. 5; RAHNER, Karl. *Estruturas em mudança. Tarefas e perspectivas para a Igreja*. Petrópolis, Vozes, 1976, p. 97; Id. *Sollecitudine per la Chiesa*. Roma, Paoline, 1982, p. 319 (Nuovi Saggi VIII).

pela renovação eclesiológica do Concílio Vaticano II (1962-1965) e do impulso da Conferência de Medellín (1968), as CEBs foram se firmando como uma nova forma de ser Igreja, caracterizada, sobretudo, pela corajosa opção pelos pobres e pela libertação integral.

Quando brotaram no panorama eclesial, há mais de três décadas, as CEBs apareciam como uma pequena "flor sem defesa."<sup>5</sup> Depois veio o tempo de sua afirmação criadora na década de 70. Neste período surgiram os Encontros Intereclesiais de CEBs visando uma maior articulação das comunidades espalhadas pelo Brasil. Estes Encontros "nasceram com a finalidade de partilhar as experiências, a vida, as reflexões que se faziam nas comunidades eclesiais de base ou sobre elas."<sup>6</sup> A grande importância destes Encontros foi reconhecida pela CNBB em primoroso documento redigido pelo seu Conselho Permanente em novembro de 1982. Tal fato, dizem os bispos, é "altamente positivo enquanto dinamiza, aprofunda e sustenta o ânimo das comunidades, que dão igualmente testemunho da vitalidade e ardor pelo Evangelho a toda a Igreja."<sup>7</sup>

A participação nos Intereclesiais seguiu um ritmo de progressivo crescimento. Nos dois primeiros Encontros, realizados em 1975 e 1976, o número de participantes não ultrapassou, em conjunto, a soma de 170 pessoas. Os Encontros posteriores foram crescendo em participação até superar a cifra de 2300 pessoas envolvidas no VIII Intereclesial de Santa Maria (RS), em setembro de 1992.

Assim como o número de participantes, igualmente a natureza dos Encontros sofreu uma alteração, passando da dinâmica mais reflexiva, presente nos primeiros, para a dinâmica celebrativa, especialmente a partir do VI Encontro de Trindade (GO), quando o evento assume maiores proporções.

Os Intereclesiais, além de espaço privilegiado da partilha de experiências e reflexões das comunidades de base, constituem-se também em rico manancial de animação da vida das CEBs. No espaço "onde elas labutam, pequenas e frágeis, podem sentir-se isoladas e desanimar. Os Intereclesiais revelam para os participantes e pelas informações, notícias e vídeos a muitas CEBs que se trata de enorme rede de CEBs. Pertencem-se mutuamente. Isso anima-as, reforça-lhes a consciência, a esperança e o entusiasmo. Em termos sociológicos, é uma estrutura de

<sup>5</sup> Frei Carlos Mesters foi o primeiro que usou tal expressão para designar a experiência das CEBs.

<sup>6</sup> LIBÂNIO, João Batista. "Finalidade e significado dos Intereclesiais". In: CNBB. *Diálogo CNBB-CEBs*. Brasília, 1995, p. 31 (Dimensão comunitária e participativa - linha 1 - CNBB).

<sup>7</sup> CNBB. *As comunidades eclesiais de base na Igreja do Brasil*. São Paulo, Paulinas, 1982, nO85 (Documentos da CNBB, 25).

apoio, um 'aparelho de conversa' maravilhoso de reforço da consciência de eclesialidade das pequenas comunidade."s

De certa forma, os Intereclesiais traduzem em "tom maior" o que acontece em miniatura nas CEBs. Mas é também verdade, como o indicou Luiz Alberto Gómez de Souza, que a atmosfera que se vive num Intereclesial não constitui uma mera reprodução do cotidiano das CEBs, de seu trabalho concreto e pequeno, sujeito às limitações internas e externas. O Intereclesial é, sobretudo, uma grande e entusiasmada explosão de alegria, fé e esperança, um grande evento celebrativo<sup>9</sup>. Os Intereclesiais refletem um dos traços do fenômeno empírico das CEBs, ou seja, seus "momentos de pique", festivos. Mas há também o tempo do cotidiano, o "modo ferial" das CEBs, mais penoso e aderente à realidade complexa e difícil das camadas populares.<sup>10</sup>

Os anos 70 marcaram a fase da grande efervescência das CEBs, da vitalidade da articulação dialética entre fé e vida, de sua criatividade bíblica e litúrgica, de sua atuação pública mais definida. A conjuntura política no Brasil neste período estará marcada pela transição de um autoritarismo absoluto para uma abertura gradual e controlada. Para ainda, de certa forma, particularmente nos primeiros anos da década de 70, o clima sombrio do AI 5 e o rastro da onda repressiva. Neste período repressivo, a Igreja católica assumirá um lugar de destaque na crítica ao regime militar. Ela palmilhava os caminhos de abertura do pós-Concílio, incentivando as experiências inovadoras das Igrejas locais e as práticas de testemunho evangélico-libertador. Na América Latina, em particular, os imperativos da Conferência de Medellín, realizada em 1968, estavam em plena realização.

No período mais difícil da repressão política, o episcopado brasileiro assumiu em grande parte a caminhada das CEBs, compartilhando semelhante preocupação temática. A sintonia de perspectivas mostrava o real comprometimento da Conferência Episcopal com a evangelização libertadora e a opção pelos pobres. Nos tempos sombrios do fechamento político, "as CEBs foram o maior ponto de apoio dos pronunciamentos da hierarquia." E, por ocasião do começo da abertura política, foram as CEBs "as grandes explicitadoras dos

<sup>8</sup> LIBÂNIO, João Batista. "Finalidade e significado dos Intereclesiais". In: *Op. cit.*, p. 31.

<sup>9</sup> SOUZA, Luiz Alberto Gómez de, "O lento e difícil aprendizado da prática democrática", *REB*, 46 (1986) 598-599.

<sup>10</sup> BOFF, Clodovis. "CEBs: a que ponto estão e para onde vão". In: *Vários. As comunidades de base em questão*. São Paulo, Paulinas, 1997, p. 260.

documentos da hierarquia" <sup>11</sup> , quando esta assume um posicionamento mais firme frente aos problemas globais do país.

#### 1. O I Encontro Intereclesial de CEBs: Uma Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus - Vitória, ES (de 6 a 8 de janeiro de 1975)

Se a década de 60 marca o período de surgimento das CEBs, a década de 70 assinala sua multiplicação e fortalecimento. No seu início, muitas das comunidades de base eram ainda experiências isoladas, assumidas por paróquias ou dioceses mais abertas, que as colocavam entre suas prioridades pastorais. Com o tempo surgiu a idéia de uma maior articulação das comunidades.

O I Intereclesial nasceu justamente da idéia de realizar um encontro envolvendo os bispos que partilhavam da mesma caminhada popular de Igreja para conversar sobre as experiências em curso. Não se tratava de um "encontro nacional", mas de um bate-papo entre amigos e irmãos, entre igrejas que partilhavam de uma caminhada parecida.

O primeiro Encontro Intereclesial aconteceu em janeiro de 1975, na cidade de Vitória, ES. Participaram do evento cerca de 70 pessoas, representando várias dioceses de 12 Estados diferentes. O tema do Encontro foi bem sugestivo: "Uma Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus". A expressão "Igreja que nasce do povo" surgiu por ocasião do I Intereclesial, vindo a configurar uma nova perspectiva eclesiológica: "uma nova consciência que surge a partir de um novo modo de existir como Igreja."<sup>12</sup> Esta nova realidade eclesiológica, marcada pela presença vigorosa do Espírito, recebeu o nome de "eclesiogênese". Era uma nova realidade "que nascia do coração do próprio povo pobre em virtude do Espírito inovador de Deus, organizada pelo leigo em tomo da Palavra de Deus e do seguimento de Jesus."<sup>13</sup> O lema da "eclesiogênese" circulou pelo mundo como traço peculiar da perspectiva eclesial latino-americana, mas não aconteceu sem suscitar dificuldades em determinados setores do magistério da Igreja. Alguns temiam que a ênfase na idéia de uma igreja "que nasce

<sup>11</sup> QUEIROZ, Dom Celso. "O papel da Conferência Nacional dos Bispos no Brasil", *In: INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL (Org.). Pastoral da Igreja no Brasil nos anos 70*. Petrópolis, Vozes, 1994, p. 41. Dom Celso chama atenção para a familiaridade que unia a temática vigente nos primeiros Intereclesiais com os temas das assembleias gerais da CNBB (*Ibidem*, p. 40-41).

<sup>12</sup> QUIROZ MAGANA, Alvaro. *Eclesiologia en la teologia de la liberacwn*. Salamanca, Sígueme, 1983, p. 179.

<sup>13</sup> BOFF, Leonardo, "111 Encontro Intereclesial de comunidade de base em João Pessoa", *Sedoc* 11 (1979) 705.

do povo" poderia gerar uma atitude de desconfiança para com a Igreja "institucional" ou "oficial"<sup>14</sup>. Daí a resistência ao tema.

João Paulo II, em sua mensagem aos líderes das comunidades de base, por ocasião de sua visita ao Brasil, em 1980, sublinhou que a vitalidade das comunidades tem continuidade garantida na medida em que souberem permanecer fiéis à sua identidade fundamental que é a eclesialidade. Esta já está contida em sua própria denominação: "ser eclesiais é sua marca original e seu modo de existir."<sup>15</sup> Esta preocupação com a eclesialidade constitui um traço que sempre acompanhou a trajetória das CEBs no Brasil, diferenciando-as de outras experiências de comunidades de base vigentes, sobretudo, na Europa. Já no I Intereclesial esta preocupação estava bem viva. Nas conclusões do Encontro afirma-se a necessidade das comunidades viverem sua criatividade com autonomia, mas vivendo em comunhão com as outras comunidades e com o próprio bispo, centro de unidade<sup>16</sup>.

A temática eclesiológica predominou neste Intereclesial. Buscava-se delinear o perfil e as características deste novo jeito de ser Igreja: uma "Igreja nova", participativa, criativa, toda ministerial e comprometida com a dimensão política da fé. Enfatizou-se a singularidade da participação dos leigos e a emergência dos novos ministérios, entendidos como "serviços" às comunidades. Sublinhou-se ainda a necessidade da presença mais ativa da Igreja na luta de libertação do povo.

## 2. O 11 Encontro Intereclesial de CEBs: Igreja, povo que caminha - Vitória, ES (de 29 de julho a 1º de agosto de 1976)

O 11 Intereclesial, realizado na cidade de Vitória (ES), contou com a participação de aproximadamente 100 pessoas, representando 24 dioceses de 17 Estados brasileiros. O tema do Encontro foi: "Igreja: povo que caminha". Este Intereclesial foi muito importante no processo

<sup>14</sup> João Paulo II chegou a fazer uma referência explícita ao tema no discurso de abertura da Conferência de Puebla, em 1979. Cf. III Conferência Geral do Episcopado latino-americano. *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Petrópolis, Vozes, 1979, p. 24 (Documento de Puebla). Em seu livro "Rapporto sulla fede", o cardeal Ratzinger sublinha o risco presente na dinâmica "democratizante" presente nas práticas pastorais e autores que enfatizam a idéia de que "a Igreja somos nós". Reitera que a estrutura profunda e ineliminável da Igreja "não é democrática mas sacramental, portanto, hierárquica." Cf. *Rapporto sulla fede*. Roma, Paoline, 1985, p. 49.

<sup>15</sup> JOÃO PAULO II. "Aos líderes das comunidades de base". *Ensinamentos de João Paulo II*. Rio de Janeiro, Secretariado Arquidiocesano de Pastoral - Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, 1980, p. 209. Na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, Paulo VI lembrava que as CEBs "nascem da necessidade de viver mais intensamente ainda a vida da Igreja" (EN 58).

<sup>16</sup> I Encontro Intereclesial de CEBs • Conclusões do Encontro. In: TEIXEIRA, Faustino. *Os Encontros Intereclesiais de CEBs no Brasil*. São Paulo, Paulinas, 1996, p. 156.

de construção da identidade eclesial das CEBs. A expressão "caminhada" entra agora no repertório das comunidades, favorecendo uma nova conexão entre as experiências antes dispersas. As diversas comunidades "reconhecem-se umas às outras como membros de uma mesma Igreja a caminho."<sup>17</sup> Uma nova consciência igualmente se impõe: os pequenos tornam consciência de que a Igreja não é coisa alheia, mas diz respeito a todos. É Igreja povo de Deus, e todos devem se responsabilizar por sua afirmação na história.

Em nível de dinâmica, este Intereclesial abriu espaço para a troca de experiências e o "mergulho na realidade". De forma inusitada, bispos, padres e religiosos são convocados a viver uma experiência de "escuta" da experiência e luta dos pobres nos vários âmbitos de sua atuação: nas periferias das cidades, no campo, nos sindicatos e partidos. A relação da luta de organização do povo com o Evangelho foi descrita pelos participantes como um desdobramento natural da relação entre fé e vida: "Tudo o que é trabalho e luta pelos direitos é Evangelho"; "É luta dos pobres e Deus está com os pobres."<sup>18</sup> A Palavra de Deus, como os próprios participantes revelaram, não se encontra exclusivamente na Bíblia, mas brilha igualmente "nos acontecimentos que alimentam e guiam a caminhada do povo."<sup>19</sup> É esta Palavra que fortalece e anima a fé dos pequenos.

No processo de nova consciência sócio-eclesial, o Intereclesial favoreceu a compreensão de que a fé não pode ser separada da vida e que a Palavra de Deus revela-se igualmente na história do povo. Neste sentido, a evangelização não pode prescindir de um engajamento libertador em favor da causa dos pobres. As comunidades são, portanto, convocadas a viver a experiência de proximidade com os oprimidos, a participar no seu processo de reflexão crítica e conscientizadora, bem como em suas lutas pela libertação.

O Intereclesial acontece num momento marcado pela atmosfera da teologia da libertação, daí o lugar de destaque ocupado no Encontro pelo tema das lutas de libertação empreendidas pelas CEBs.

### 3. O III Encontro Intereclesial de CEBs: Igreja, povo que se liberta - João Pessoa, PB (de 19 a 23 de julho de 1978)

O III Intereclesial de CEBs aconteceu na cidade de João Pessoa, na Paraíba, em julho de 1978. O Encontro contou com a participação de cerca de 200 pessoas, representando 47 igrejas de todo o País. Refor-

<sup>17</sup> OLIVEIRA, Pedro Assis Ribeiro de. "CEB: unidade estruturante da Igreja". In: Vários. *As comunidades de base em questão*. Op. cit., p. 159

<sup>18</sup> Relatório do Encontro. *Sedoc* 9 (1976) 442.

<sup>19</sup> Conclusões do Encontro. In: TEIXEIRA, Faustino. *Os Encontros ...* Op. cit., p. 161.

çando o espírito ecumênico, já presente desde o I Intereclesial, estiveram presentes um assessor e três outros representantes da comunidade evangélica, bem como um cacique xavante da aldeia de São Marcos, em Mato Grosso.

Em relação aos encontros anteriores, houve uma significativa mudança em João Pessoa. Grande parte da assembléia era constituída de gente pobre e simples, cerca de 2/3 do total dos participantes. Na expressão de Dom José Maria Pires, bispo da Igreja local, que acolheu o Encontro: "Gente do povo representando a Igreja que nasce do povo." Desta vez a participação popular foi muito intensa, dado favorecido pela própria dinâmica prevista para o funcionamento do evento. Houve uma verdadeira "celebração da palavra". Assessores e bispos colocavam-se no lugar de ouvintes da palavra dos pobres e pequenos, de sua história e paixão, de seus sonhos e esperanças. O povo simples, até então "ausente" e "invisível" na história, "toma a palavra". Emerge como sujeito de uma nova cidadania social e eclesial. Este fenômeno foi descrito por Gustavo Gutiérrez, que esteve presente no II Intereclesial, como a "irrupção histórica dos pobres".

Esta afirmação da palavra como expressão da cidadania dos pobres constitui um dos traços peculiares da experiência das CEBs. Uma iniciativa singular de rompimento do isolamento forçado, fruto de um pesado lastro de repressão, e condição de possibilidade para uma nova cidadania: "De repente a nossa vista clareou, descobrimos que o pobre tem valor". A experiência de comunidade possibilitou a tomada de consciência da dignidade do pobre e a intensificação de sua qualidade de sujeito. Simultaneamente, a percepção da importância da dimensão comunitária. A comunidade emerge como espaço de reconstituição do tecido humano e social, criando as condições de possibilidade de troca, partilha, afetividade, reconhecimento, convivência e solidariedade. A percepção combinada da consciência da dignidade do sujeito, da carência coletiva e da união favorecida pela experiência comunitária, acrescida do reforço da Palavra de Deus e do apelo do Reino, aciona necessariamente práticas efetivas em favor das transformações sociais.

O tema do Encontro assinalava este novo passo, já assumido com vitalidade na experiência cotidiana das comunidades: "Igreja, povo que se liberta". Depois de tantos anos de silêncio imposto, este povo crente e oprimido inaugura um novo curso no desenrolar da história. Com a força de sua palavra impunha-se como sujeito da construção da sociedade e da Igreja.

O **IU** Intereclesial aconteceu numa ocasião rica de significado eclesial, depois de dez anos da Conferência dos Bispos em Medellín, que imprimiu uma dinâmica libertadora à pastoral latino-americana,

e no momento final da preparação da Conferência de Puebla, ocorrida em janeiro de 1979. Os participantes enfatizavam a necessidade de resguardar a dimensão de compromisso com a causa dos pobres, traço vivo na pastoral do Continente e que dá continuidade ao projeto de aliança que Deus faz com o seu povo. Este compromisso, como sublinhou-se nas conclusões do Encontro, vem alimentado "com o Evangelho de Jesus Cristo, acolhido na fé da Igreja e vivido na nossa maneira de amar nossos irmãos oprimidos."<sup>20</sup> Assumi-lo implica adotar um método de análise da realidade que favoreça realmente perceber a situação vivida pelo povo, bem como participar das "ferramentas" que ajudem a luta de libertação. Este compromisso deve ocorrer igualmente na Igreja, criando condições para um crescimento comum, sem que haja marginalização de ninguém, mas verdadeira união.

As CEBs, a partir de meados dos anos 80, estarão diante de uma situação diversificada tanto no campo político como eclesial. A realidade da nova conjuntura política de transição ou "abertura" favorece a emergência de novos canais de presença e participação política na sociedade civil. O período que vai de 1978 a 1985 será caracterizado por um forte crescimento do movimento popular no Brasil, expressando novas e profundas tendências na sociedade brasileira e a perda de sustentação do sistema político instituído.

A questão da identidade das CEBs, nesta nova conjuntura, será objeto de muita reflexão. Alguns acreditavam que, com a abertura política, as CEBs viveriam certo esvaziamento. Outros salientavam que elas teriam que, a partir de então, renovar suas forças e dar sua contribuição específica, sobretudo no campo religioso. Na verdade, a dinâmica empenhativa das CEBs na luta libertadora não ficou ofuscada neste momento de transição política. Esta nova realidade suscitou um incremento e aprofundamento da questão política, como será destacado na análise dos próximos Intereclesiais.

A conjuntura eclesial internacional sofre igualmente modificações, com nítidas repercussões no Brasil. Sobretudo, após o início do pontificado de João Paulo 11 (1978), haverá uma nítida tendência de afirmação de uma nova identidade católica, caracterizada pela busca de um novo equilíbrio eclesial. A dinâmica proposta vai no sentido de reordenar a situação da Igreja revolvida pelo clima de abertura conciliar. Fala-se em "volta à grande disciplina da Igreja."<sup>21</sup> Esta situ-

ação de refluxo neo-conservador, também identificada como "estação de seca na Igreja"<sup>22</sup>, será desfavorável à dinâmica criativa das CEBs. Estas, que já não gozavam de muita simpatia entre os setores conservadores do episcopado nacional, estarão entre as experiências sujeitas a questionamentos.

Paradoxalmente, no momento em que a conjuntura política vive uma relativa abertura, favorecendo o relaxamento de parte da pressão exercida contra a sociedade civil e a Igreja, a conjuntura eclesial sofre os efeitos de um considerável refluxo. A nova tendência, na passagem da década de 70 para a de 80, "foi de um transitar do estímulo e do apoio à contenção e à intervenção. Ao mesmo tempo, buscou-se articular e consolidar uma oposição interna às linhas de trabalho da CNBB."<sup>23</sup>

Nos anos 80 a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) manteve uma atuação profética em seu apoio decisivo a uma Igreja de compromisso e de luta. O apoio às CEBs esteve sempre entre suas prioridades, mesmo nos períodos em que as mesmas sofreram, juntamente com a teologia da libertação, duras críticas de setores específicos da Igreja, das classes dominantes e dos meios de comunicação social. Este apoio configurou-se de forma explícita em importante documento, que permanece ainda muito atual, elaborado pelo Conselho Permanente da CNBB e publicado em 1982: "As comunidades eclesiais de base na Igreja do Brasil."<sup>24</sup> Na parte final deste documento, os bispos manifestam preocupação com os ataques e incompreensões sofridos pelas comunidades da parte de instituições e grupos extra-eclesiais. O que se repudia, sublinham os bispos, não são as CEBs em si mesmas, mas "todo o processo de evangelização voltado para a crítica profética das injustiças e empenhado na construção de uma sociedade mais fraterna."<sup>25</sup> Elas causam dificuldade porque tornam visível o compromisso da Igreja com os pobres e a sua própria existência e prática constitui "uma denúncia da iniquidade social que rouba aos pobres sua vez e sua VOZ."<sup>26</sup>

<sup>21</sup> LIBÂNIO, João Batista. *A volta à grande disciplina*. São Paulo, Loyola, 1983.

<sup>22</sup> ISER-Assessoria. *Estação de seca na Igreja*. Rio de Janeiro, ISER, 1990 (Comunicações do Iser, 39).

<sup>23</sup> BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil*. De João XXIII a João Paulo II - de Medellín a Santo Domingo. Petrópolis, Vozes, 1994, p. 213. Cftb. BERNSTEIN, C. & POLITI, M. *Sua santidade João Paulo II e a história oculta de nosso tempo*. Rio de Janeiro, Objetiva, 1996, p. 211s.

<sup>24</sup> CNBB. *As comunidades eclesiais de base na Igreja do Brasil*. São Paulo, Paulinas, 1982 (Documentos da CNBB, 25).

<sup>25</sup> *Ibidem*, n° 92.

<sup>26</sup> *Ibidem*, n° 92.

Esta mesma CNBB que nos anos 80 assumira de forma tão corajosa o rosto de uma Igreja comprometida com a causa dos pobres, passa a ser alvo de desconfiança, na medida em que o governo da Igreja avançava para a centralização e uniformidade. Isso passa a ocorrer sobretudo na segunda metade dos anos 80, quando a atuação desse órgão passa a ser identificada com a teologia da libertação. A CNBB será "sistematicamente preterida no encaminhamento das questões principais da vida da Igreja."<sup>27</sup>

1. O IV Encontro Intereclesial de CEBs: Igreja, povo oprimido que se organiza para a libertação - Itaipava, SP (de 20 a 24 de abril de 1981)

O IV Intereclesial de CEBs, realizado no Estado de São Paulo, contou com a participação de cerca de 250 pessoas. A escolha do tema refletia o novo momento da caminhada das CEBs, preocupadas agora com a questão da organização dos pobres, suas lutas reivindicatórias, sindicais e político-partidárias: "Igreja, povo oprimido que se organiza para a libertação." Este tema central foi subdividido em quatro temas específicos, um para cada dia do Encontro: a. participação da Igreja a serviço do povo; b. solidariedade no mundo da moradia; c. serviço na política; d. justiça no mundo do trabalho.

Traço singular neste Intereclesial foi o novo impulso dado à temática política. A questão da política em sentido amplo e da política partidária estavam sempre presentes como um desafio para as comunidades, necessitando, porém, de um tratamento mais específico. Os resultados da Conferência de Puebla (1979) animavam as comunidades e forneciam novos elementos para pensar a relação entre evangelização e política. No documento de Puebla, ressaltava-se que "a fé cristã não despreza a atividade política; pelo contrário, a valoriza e a tem em alta estima" (nº 515). A fé - sublinhavam os bispos - não pode ficar reduzida à vida pessoal ou familiar, mas deve envolver igualmente a ordem econômica, social e política. É do mais íntimo da fé cristã que provém a necessidade da presença da Igreja no âmbito político (nº 516).

Para os participantes do IV Intereclesial evidenciou-se que para construir uma sociedade justa e do jeito que Deus quer não se

<sup>27</sup> QUEIRÓS, Dom Celso. "Igreja no Brasil - anos 80: evolução da CNBB, documentos e posições". Rio de Janeiro, INP, 1995, p. 4, mimeo. Este texto, de impressionante lucidez e coragem, está incluído na obra organizada pelo INP-CNBB, abordando o tema da Pastoral da Igreja no Brasil nos anos 80, que recolhe o material apresentado em seminário organizado pelo mesmo Instituto no Rio de Janeiro. Esta obra encontra-se no prelo da editora Vozes.

pode passar à margem da política. Ela é instrumento para a construção desta sociedade. "Ação política boa é tudo para nos organizar na justiça e para criar um novo relacionamento entre as pessoas e grupos."<sup>28</sup> Isto se dá nas associações de bairro, sindicatos e outras formas de organização popular. As comunidades reconhecem também que a política partidária é uma outra maneira de fazer política, igualmente exigente e importante para os cristãos: "Não devemos ter medo de entrar na política, pois, do contrário, seremos derrubados e enganados pelos políticos gananciosos. Discutir políticos, des- queiros espertos e (...) ...) Por isso devemos discutir políticos, des- entre nós os programas e as práticas dos partidos políticos, des- cobrir quais os interesses que eles defendem, qual a mudança da sociedade que eles propõem."<sup>29</sup>

Neste Intereclesial ficou muito claro que as CEBs, em razão de sua inscrição religiosa, não podem se transformar em células partidárias. Isto não significa, porém, que elas devam se eximir da educação política. Elas devem oferecer condições para uma análise sistemática e crítica dos vários partidos existentes. Devem estar abertas para a revisão, discussão e o discernimento da questão partidária, o que não significa que, enquanto tal, devam optar por determinado partido. Isso releva do indivíduo, e não da comunidade.

Os participantes do Encontro sublinham a importância de manter a identidade própria das CEBs, sua pertinência eclesial. Na já mencionada carta de conclusão do Intereclesial (Carta de Itaici), assinalou-se que as comunidades não são nem podem ser um núcleo partidário, mas o lugar de vivência, aprofundamento e celebração da fé; lugar onde se confronta a vida e a prática com a Palavra de Deus, no sentido de verificar a adequação da ação política com o Plano de Deus.<sup>30</sup>

A Palavra de Deus constitui núcleo essencial e fundante das CEBs. É o dado identificador de seu caráter eclesial. Este traço ficou evidenciado nos relatórios preparatórios para o IV Intereclesial. É esta Palavra que conforma o universo motivacional dos pobres. Constitui parte integrante da vida das comunidades, conferidora de sentido, luz e força. O sentimento de relação e familiaridade desta Palavra com a vida do povo é expresso com muito vigor pelas comunidades: "É tão profundo que a gente não sabe nem dizer"; "Ela é acima de tudo"; "A Palavra de Deus

<sup>28</sup> Carta de Itaici. In: TEIXEIRA, Faustino.

Os Encontros ... Op. cit.,

p. 170.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 170.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 170-171.

mexe com a vida do povo, clareia o rumo da luta e anima". Ela "foi sempre o ponto de partida" e, sem ela, não se pode viver, pois é ela flque nos reúne em comunidade.<sup>31</sup>

## 2. O V Encontro Intereclesial de CEBs:povo unido, semente de uma nova sociedade - Canindé, CE (de 4 a 8 de julho de 1983)

O V Intereclesial, realizado na cidade de Canindé (Ceará), revela a dimensão verdadeiramente nacional das CEBs.A participação aconteceu de forma ainda mais expressiva que nos outros Encontros. Ao Nordeste, vieram cerca de 500participantes, representando 134 dioceses de quase todos os Estados do Brasil. Cresce igualmente a participação dos bispos, que agora vieram em número superior a 30.<sup>32</sup> Neste Intereclesial se estabelece, pela primeira vez, o critério de participação por Regionais da CNBB, alterando o critério anterior que definia a participação por regionais das CEBs. A decisão por este novo critério de participação constitui um novo passo na dinâmica dos Intereclesiais. Em certo sentido, significava um novo momento de presença da CNBB na vida das comunidade.s

O terna geral do Encontro foi: "CEBs, povo unido, semente de urna nova sociedade". A questão das condições de vida do povo brasileiro teve um lugar de relevo na reflexão dos participantes, durante o primeiro dia do Intereclesial. Destacaram neste campo cinco grandes problemas: a falta de terra (no campo e na cidade), a proletarização dos agricultores, o desemprego desesperado r, a seca no Nordeste e a fome generalizada<sup>3.-1</sup> Esta dura, feia e triste realidade veio à tona na descrição dos relatórios dos Regionais e nos debates que se seguiram. Os participantes, entretanto, destacaram que o povo está reagindo: fla cada ponta de unha da besta-fera as comunidades e o povo organizado apresentam urna defesa". Cresce o número das

<sup>31</sup> Cf. relatórios das comunidades da Paraíba, do Pará, de Santo Amaro (SPI, Santa Rosa (GOI e Cristo Ressuscitado (Joinville, SCI. In: TEIXEIRA, Faustino. *Os Encontros ... Op. cit.*, p. 55. Em comentário sobre o lugar da Bíblia nas comunidade,s Clodovis Boff assinala que "nas CEBs se verifica de modo transparente esta convicção da eclesiologia: de que a Igreja de Cristo se constrói ao redor e em cima da Palavra de Deus. De que é esta que convoca a comunidade, a cria e a recria." Ela é o "segredo das CEBs", o "articulus stantis aut cadentis Ecclesiae" (questão de que depende a vida e a morte da Igreja). BOFF, Clodovis. "CEBs: a que ponto estão ..." In: *Op. cit.*, p.279.

<sup>32</sup> Ao final do Encontro os bispos presentes firmaram uma importante declaração confirmando a eclesialidade das CEBs. Cf. Testemunho dos bispos. *Sedoc* 16 (1983) 270. Do Encontro participaram o então Secretário Geral da CNBB (Dom Luciano Mendes de Almeida) e o então responsável pelas CEBs na Comissão Episcopal de Pastoral (Dom Celso Queirós).

<sup>33</sup> Carta de Canindé. In: TEIXEIRA, Faustino. *Os Encontros ... Op. cit.*, p. 174.

CEBs, o número de sindicatos autênticos, das associações de bairro, dos grupos de ação e reflexão.

Há um reconhecimento por parte dos participantes de que a sociedade, do modo como está organizada, não expressa a vida, só é capaz de produzir, mais e mais, a pobreza e a morte dos pobres. É o apelo em favor da vida que provoca a reação dos setores populares. Nesta luta por uma nova sociedade, as CEBs encontram na motivação evangélica a razão última de todo o seu empenho. Todo o tema da reflexão dos grupos, no segundo dia do Encontro, girou em torno a este eixo. Os depoimentos neste sentido foram inúmeros: "A sociedade em que vivemos é uma contradição com o Evangelho"; "Queremos que o mundo seja como Deus sonhou. Vivemos numa sociedade que não respeita a vida. Deus é vida e fonte de vida, por isso devemos lutar por uma sociedade onde haja vida em abundância."<sup>34</sup>

Nos dois últimos dias do evento, refletiu-se sobre as propostas concretas para se chegar a uma nova sociedade e à contribuição específica das CEBs na construção desta nova sociedade. Em síntese, destacou-se a pertinência eclesial da luta em favor da justiça e a seriedade, empenho e radicalidade assumida pelas CEBs em tal luta. A fé ocupa, assim, um lugar singular na caminhada das comunidades: um dom não só útil como também precioso, que constitui o horizonte maior dentro do qual tudo se situa e ganha uma nova transfinalização.

O Encontro foi ainda espaço de ricas e criativas celebrações, que aconteceram todos os dias, nas manhãs e tardes. Vale registrar as belas celebrações da misericórdia e do perdão de Deus (final do segundo dia) e a grande celebração de confraternização em frente ao Santuário de São Francisco das Chagas (final do terceiro dia). Nestes momentos, os participantes puderam traduzir toda a riqueza simbólica e experiência de comunhão que animam as comunidades no seu dia-a-dia. A procissão que marcou o início do Encontro e sua celebração final mostrou a vitalidade de um povo que também reza com os pés.

### 3. O VI Encontro Intereclesial de CEBs: Povo de Deus em busca da terra prometida - Trindade, GO (de 21 a 25 de julho de 1986)

O VI Intereclesial significou uma virada decisiva na vida dos Intereclesiais. Os grandes temas que irão despontar nos Encontros

<sup>34</sup>Depoimentos colhidos em BETTO, Frei. *CEBs: rumo a uma nova sociedade*. São Paulo, Paulinas, 1983, p. 46-47.

seguintes encontraram ali o seu espaço de germinação.<sup>35</sup> A importância deste Intereclesial revela-se já em sua dimensão, três vezes superior ao Encontro de Canindé. Desta vez, contaram-se 1647 participantes, dentre os quais 742 representantes das bases, 203 agentes de pastoral, 30 assessores, 51 bispos, 16 representantes de Igrejas evangélicas e 10 representantes dos povos indígenas, fora os observadores nacionais e estrangeiros. Nas palavras de Dom Luciano Mendes de Almeida, presente no evento, *na* participação entrou na vida das CEBs."

É significativo destacar a gênese da Ampliada Nacional, constituída nos preparativos do Encontro de Trindade (1986), como grupo de apoio e serviço à Igreja local no planejamento do Intereclesial. O seu nascimento foi uma forma de garantir a presença dos vários regionais na preparação dos Intereclesiais, como trabalho coordenado em nível nacional e garantidor da memória dos encontros. Inaugura-se também em torno deste Intereclesial a idéia de produzir cartilhas como subsídio básico para o aprofundamento das comunidades em vista do Intereclesial.

Os Encontros Intereclesiais de CEBs passam, em Trindade, por uma transformação de sua natureza. Haverá uma inflexão no caráter dos Encontros, que passam agora a assumir uma relevância celebrativa mais acentuada. Em razão da proporção dos participantes, bem mais acentuada com respeito aos Encontros anteriores, não havia condições plausíveis para um estudo mais aprofundado sobre os temas propostos. Num evento de quase duas mil pessoas não se podia mais, evidentemente, privilegiar o momento reflexivo. A dimensão celebrativa passa a ocupar lugar de centralidade, o que não significa ausência da dimensão reflexiva, que permanecerá em cena. A novidade é que a partir de então os tempos fortes dos Intereclesiais serão ocupados por grandes e vibrantes celebrações de fé.

As celebrações do Intereclesial de Trindade foram extremamente criativas, com destaque para a presença de símbolos gestados na ampla e profunda experiência de enraizamento popular das comunidades. Dimensões aparentemente antagônicas como festa e luta, alegria e morte articulavam-se de forma integrada, como ocorreu na celebração dos mártires da caminhada ou na celebração penitencial. Alguns dos assessores que analisaram o Encontro revelaram, entretanto, que, na maioria das celebrações ocorridas, a ênfase recaiu sobre

<sup>35</sup> Clodovis Boff destaca o VI Intereclesial como sendo o "mais importante de todos, inclusive porque incidiu no desenrolar dos ulteriores, podendo-se chamar neste sentido de Intereclesial-virada.". Cf. Posfácio. In: TEIXEIRA, Faustino. *Os Encontros ... Op. cit.*, p. 139.

a dimensão da práxis social, deixando em segundo plano a dimensão propriamente contemplativa e de petição mais individual. A presença do "simbolismo social", com sinais, gestos, textos, cartazes e palavras de ordem, causou estranheza para certos participantes, que se sentiriam talvez mais envolvidos se este simbolismo estivesse melhor integrado com uma atmosfera mais orante de fé e experiência de

36

Deus. A preocupação com a articulação destes dois eixos será uma constante nos Intereclesiais seguintes.

Entre os temas de reflexão e aprofundamento presentes no VI Intereclesial destacam-se: a. O novo jeito de ser Igreja que traduz a experiência das CEBs (identidade e missão das CEBs; fé e política; espiritualidade libertadora das CEBs e Bíblia; CEBs, hierarquia e ministérios); b. Luta pela nova sociedade (constituente popular e nova constituição; movimentos populares e lutas específicas: mulheres, negros e índios; projeto político popular; mundo do trabalho e sindicalismo); c. Terra de Deus, terra de irmãos (luta pela terra, reforma agrária, projetos do governo, solo urbano e moradia).

Dos blocos temáticos tratados neste Intereclesial emergiram algumas questões específicas. Em primeiro lugar, pode-se destacar a questão do estatuto eclesiológico das CEBs\_ Elas seriam um novo modo de ser Igreja ou o jeito novo de toda a Igreja ser? Alguns defendiam esta segunda expressão, no sentido de melhor expressar o papel convocatório das CEBs em seu projeto de apelo para que toda a Igreja assuma a luta dos pobres. Outros levantaram interrogações sobre a pertinência de tal expressão, indicando que as CEBs não poderiam se constituir num "único modo de ser Igreja", mas estariam inseridas com papel protagônico no projeto-processo mais amplo de uma Igreja dos pobres. Este projeto-processo, no qual as CEBs ocupariam o lugar de "eixo-motor" envolveria, entretanto, outras formas de participação eclesial. A tendência na reflexão eclesiológica posterior sobre as CEBs foi de assumir a perspectiva do segundo direcionamento. Como sublinhou recentemente Clodovis Boff, as CEBs "representam o 'novo modo de ser Igreja', contanto que se entenda por 'novo modo' um espírito ou referência inspiracional e não uma forma ou uma estrutura específica. Tudo na Igreja deve ser permeado de participação e estar aberto ao empenho social. Mas, é claro, nem tudo na Igreja cabe dentro das CEBs como estrutura particular."<sup>37</sup>

A questão das CEBs e a **política partidária** apareceu também como tema de referência no VI Intereclesial. A discussão sobre a luta

<sup>36</sup> LIBÂNIO, João Batista. "CEBs: Igreja em busca da terra prometida". *REB* 46 (1986) 497-498.

<sup>37</sup> BOFF, Clodovis. "Estatuto eclesiológico das CEBs". In: *Vários. As comunidades de base em questão. Op. cit.*, p. 202 (e também p. 180).

pela nova sociedade trouxe à baila esta questão que já tivera destaque em Encontros anteriores. Em Trindade, o envolvimento das comunidades neste campo revelava o crescimento da consciência e da prática político-partidária nas CEBs. A intensificação da participação de membros das CEBs na militância político-partidária não aconteceu sem reflexos específicos na vida das comunidades. Em Trindade, houve uma preocupação de trabalhar de forma mais específica a questão da formação política dos cristãos e da "pastoral de acompanhamento" dos militantes que atuam nas comunidades ou que dela se desligaram depois de sua inserção político-partidária<sup>38</sup>.

Outro traço emergente no Intereclesial foi a reflexão sobre a especificidade da luta das mulheres, negros e índios. A emergência deste tema constitui expressão viva de um novo momento na caminhada das CEBs, típico dos anos 80, quando abre-se espaço na pastoral popular para novas indagações, antes dificilmente legitimadas e aceitas como plausíveis pelos participantes da experiência. Uma nova consciência favorece agora o reconhecimento de outros planos da opressão social: a opressão racial, étnica e sexual. Supera-se, assim, uma concepção exclusivamente "classista" do oprimido. Neste sentido, as lutas dos índios, negros e mulheres são reconhecidas e apoiadas pelas comunidades.

Dois temas que emergiram durante o VI Intereclesial assumiram um lugar de destaque nos Encontros posteriores. Trata-se da questão latino-americana e o ecumenismo. Mesmo não estando entre os temas específicos dos três dias do evento, estas questões irromperam com vitalidade, delineando novos horizontes para a reflexão das CEBs. A problemática latino-americana patenteou-se já na singularidade da presença dos 56 observadores do Continente e seus depoimentos sobre o processo de suas lutas e as dificuldades enfrentadas. Esta sensibilidade emergente exerceu influxo decisivo na escolha do tema do Encontro seguinte, na cidade de Duque de Caxias (RJ). Por sua vez, a questão do ecumenismo desponta como evento significativo sobretudo a partir deste Encontro, embora a sensibilidade ecumênica estivesse presente como marca de todos os Intereclesiais anteriores.

<sup>38</sup> Interessante observar a incidência dessa problemática durante a 26ª Assembléia Geral da CNBB (1988) e no seu documento final, *Igreja: comunhão e missão*: questão do afastamento dos militantes de suas comunidades eclesiais; carência de um espaço garantido de aprofundamento da fé dos militantes; a necessidade de uma sólida formação bíblica e teológica dos militantes e o reforço de sua espiritualidade etc. Cf. CNBB. *Igreja: comunhão e missão na evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura*. São Paulo, Paulinas, 1988, nOs151, 182, 224 (Documentos da CNBB, 40).

#### 4. O VII Encontro Intereclesial de CEBs: Povo de Deus na América Latina a caminho da libertação - Duque de Caxias, RJ (de 10 a 14 de julho de 1989)

O VII Encontro Intereclesial aconteceu na cidade de Duque de Caxias, no Estado do Rio de Janeiro, no ano de 1989, e teve o seguinte tema básico: CEBs: povo de Deus na América Latina a caminho da libertação. Um traço peculiar deste Intereclesial foi o seu caráter urbano. Pela primeira vez se favoreceu o entrelaçamento dos participantes com a cidade. Em razão do número expressivo de participantes, cerca de 2.550 membros, mais de mil famílias da cidade de Duque de Caxias abriram suas casas para acolher os delegados. Dentre os participantes estavam 85 bispos católicos, cinco bispos evangélicos, 43 pastoras e pastores e 30 representantes dos povos indígenas.

Este Encontro ocorreu num momento delicado da conjuntura eclesial. Sobretudo a partir de 1984 setores particulares do Vaticano não pouparão energias para questionar incisivamente a teologia da libertação e as experiências eclesiais a ela associadas, sobretudo as CEBs. A primeira instrução da Congregação para a Doutrina da Fé sobre a teologia da libertação, publicada em 1984, denuncia "desvios" e "riscos" no método de interpretação da realidade, presente na reflexão teológica latino-americana, sobretudo o "immanentismo historicista" e a "politização das afirmações de fé". Estas reflexões estariam, conforme a mesma instrução, sendo largamente difundidas e de forma simplificada nos "grupos de base", comprometendo a "transcendência e gratuidade da libertação de Jesus Cristo."<sup>39</sup> No ano seguinte, 1985, sai publicado o livro do cardeal Ratzinger, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé: *Rapporto sulla fede*. Neste livro apresentam-se os traços essenciais da dinâmica de "restauração" já em ato na Igreja, entendida como busca de um novo equilíbrio depois dos "exageros" pós-conciliares.

O processo de "restauração" atinge teólogos brasileiros, que acompanhavam as comunidades de base como assessores. O processo contra o teólogo Leonardo Boff inicia-se em 1984, desembocando, em 1985, no período de "silêncio obsequioso." O biblista Carlos Mesters, responsável pela elaboração de um original método de interpretação bíblica voltado para o trabalho da pastoral popular, sofre posteriormente reprimendas em razão de sua assessoria ao Projeto Palavra-Vida da CLAR. A crítica estende-se dos teólogos para a própria experiência das CEBs. Um dos bispos brasileiros, que havia participado do Encontro de Trindade, publica um artigo, depois desenvolvido em

<sup>39</sup> CONGREGAZIONE PER LA DOTTRINA DELLA FEDE. *Istruzione sulla teologia della liberazione*. Bologna, EDB, 1984, n<sup>o</sup>s VI-9; IX-S,IO, 11; XI-15.

livro, levantando interrogações críticas sobre a instrumentalização político-ideológica e partidária das CEBs e os limites impostos à sua eclesialidade<sup>40</sup>. Outros bispos brasileiros levantam interrogações sobre a experiência em jornais de circulação nacional<sup>41</sup>. Simultaneamente, projetos pastorais de grande alcance no Brasil estavam sendo desarticulados ou ameaçados, como é o caso do trabalho de Dom Hélder Câmara, no Recife, e o de Dom Paulo Evaristo Arns, com a subdivisão da Arquidiocese de São Paulo. Bispos brasileiros mais abertos e sintonizados com a caminhada das CEBs viviam momentos de questionamento e pressão. Dom Pedro Casaldáliga, bispo da Prelazia de São Felix (MT), recebe cartas de advertência da Congregação dos Bispos e é convocado para uma visita *ad limina*, sendo interrogado em Roma pelos cardeais Ratzinger e Gantin.

Num Encontro Intereclesial de tal amplitude esta problemática acabava necessariamente ecoando na dinâmica interna do evento, gerando em alguns casos perplexidade e desorientação. Em memorável colocação sobre a eclesialidade das CEBs durante o evento, Leonardo Boff mencionou o clima de "inverno" que desceu sobre setores da Igreja, causando sofrimento a tantos cristãos.

O momento delicado da conjuntura eclesial não apagou a riqueza e a vitalidade das comunidades neste Intereclesial, um sinal vivo de sua esperança e alegria pascais. A presença de quase noventa bispos católicos falou por si. Em artigo publicado na Folha de São Paulo, logo após o Intereclesial, Dom Luciano Mendes de Almeida, então presidente da CNBB, reconfirmou a forte presença da dimensão eclesial no evento, visibilizada na "leitura da Bíblia, na fidelidade e união aos pastores e no serviço aos cristãos, colaborando com valores evangélicos, para a construção da sociedade livre e solidária".u

A temática geral do Encontro foi subdividida em três questões específicas. No primeiro dia, trabalhou-se a situação da América Latina: as marcas comuns do sofrimento do povo latino-americano e os sinais de resistência e esperança presentes em suas lutas. No segundo dia, refletiu-se sobre a relação entre fé e libertação e as motivações de fé na luta pela transformação da sociedade. A proximidade da eleição presidencial no Brasil e as possibilidades de vitória

<sup>40</sup> CASTANHO, Dom Amaury. *Caminhos das CEBs no Brasil*. Reflexões críticas. Rio de Janeiro, Agir, 1987.

<sup>41</sup> VELOSO, Dom José Fernandes. "Por falar em CEBs", *Jornal do Brasil* - 23/06/89; FALCÃO, Dom José Freire. "As CEBs, uma resposta?", *Jornal do Brasil* - 07/07/89; NEVES, Dom Lucas Moreira. "Já que não vou a Caxias", *Jornal do Brasil* - 12/07/89.

<sup>42</sup> ALMEIDA, Dom Luciano Mendes de. "VII Encontro de comunidades", *Folha de São Paulo* - 15/07/89.

das esquerdas acionava e aquecia as discussões e debates no Encontro. Retoma-se e aprofunda-se a questão partidária nas CEBs, em especial o desafio da formação política dos cristãos e do acompanhamento dos cristãos engajados como parte de responsabilidade de toda a Igreja. A convicção da importância do engajamento em favor de uma sociedade econômica e socialmente participativa e democrática é assumida por todos, mas a fisionomia do projeto político desejado revela-se ainda rarefeita e objeto de amadurecimento. O terceiro dia foi consagrado ao tema da eclesialidade das CEBs. As reflexões tecidas no Intereclesial indicaram que as CEBs exercem não só um papel essencial na afirmação

43

da cidadania social dos pobres, mas propiciam igualmente a consciência de uma nova cidadania eclesial. Animadas pela Palavra de Deus, elas são portadoras do "sonho de Jesus", de sua gramática libertadora para a história. O seguimento a Jesus vem traduzido nas comunidades como serviço, participação, partilha e comunhão. Trata-se de uma caminhada em união com os pastores, que são também profeticamente interpelados no sentido de um maior compromisso na construção de uma nova sociedade.

A dimensão ecumênica foi um dos destaques do VII Intereclesial, revelando mais uma vez o traço singular oferecido pela América Latina ao mundo, ou seja, um ecumenismo novo, nascido do serviço comum à missão libertadora. Na Carta final do Encontro, sublinhou-se que "o sinal do Reino que mais marcou o VII Encontro foi o passo dado em busca do ecumenismo."<sup>46</sup> De fato, tratou-se de um passo dado em direção a, mais do que uma realidade tranqüila e já assumida pela experiência em curso. A sensibilidade para o encontro e o diálogo com o outro, com o diferente, constitui já um sinal anunciador e antecipador não só de um novo rosto eclesial mais sinfônico, mas também de uma humanidade renovada. É pertinente observar que esta temática irá assumir um papel cada vez mais decisivo nos Intereclesiais seguintes, inclusive na ampliação para a perspectiva inter-religiosa.

<sup>43</sup> Como se sublinhou na Carta do VII Encontro, as CEBs "criam um espaço onde o povo se sente gente, retoma a palavra, recupera a memória, refaz a história e experimenta algo da liberdade, para a qual Cristo nos libertou." Nelas "o índio e o negro reencontram o seu lugar e redescobrem a sua identidade e missão", nelas "a mulher se sente digna, valorizada, luta contra o machismo que discrimina e participa com o homem na sua organização." Cf. TEIXEIRA, Faustino. *Os Encontros ... Op. cit.*, p. 196.

<sup>44</sup> BüFF, Leonardo. "Eclesialidade das CEBs", *Revista da Arquidiocese* nO7, 8, 9 (1989) 356-365, Goiânia (trata-se da síntese do terceiro dia feita no grande plenário).

<sup>45</sup> Carta de Duque de Caxias. In: TEIXEIRA, Faustino. *Os Encontros ... Op. cit.*, p. 196.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p. 197.

Como nos Encontros anteriores, a dimensão celebrativa foi um marco decisivo do Intereclesial de Duque de Caxias. Vale ressaltar a dimensão de acolhimento e comunicação de massa, a grande presença de símbolos e gestos da caminhada, sua abertura ecumênica e conteúdo sócio-libertador. Algumas dificuldades já assinaladas em Encontros anteriores foram apontadas pelos assessores que se ocuparam mais desta questão: a dificuldade de articulação entre o momento de expressão crítico-social e o momento de gratuidade; a importância de uma maior inculturação das liturgias na religião popular; a necessidade de uma maior sensibilidade antropológica com respeito à dinâmica simbólica, evitando-se o risco seja de sua racionalização, ou de sua utilização inflacionária; a importância de um cuidado maior na preparação e coordenação das celebrações. Enfatizou-se ainda, na mesma linha de Encontros anteriores, a necessidade de uma maior inculturação da liturgia eucarística<sup>47</sup>

O início dos anos 90 foi palco, em nível mundial, de grandes transformações sócio-políticas e econômicas. Um dos acontecimentos históricos de maior impacto foi o colapso do comunismo no Leste europeu (1989)/antecipando o colapso do regime existente na União Soviética (1991). No espaço aberto por esta crise, o crescimento e fortalecimento da ideologia neoliberal, que vinha se firmando desde os anos 80 nas regiões do capitalismo avançado, sobretudo na Europa e América do Norte, tendo como componente essencial um anticomunismo intransigente. Se, anteriormente, o medo da ameaça socialista impelia o Capitalismo a preocupar-se com a democracia política, com a previdência social e o estado de bem-estar social, a derrocada do socialismo real liberou-o de freios em nível mundial, e agora campeia solto/ com a ideologia neoliberal, nas águas da globalização. No Brasil, o modelo neoliberal foi adotado a partir do governo Collor (1990)/estando hoje em plena fase de revigoração.

A hegemonia do neoliberalismo no Brasil provocou a desregulamentação da economia, liberando as travas para a livre circulação do capital; abriu espaço para o capital privado, através da ênfase na privatização e suscitou a diminuição do investimento público em políticas sociais (corte no déficit público). Os setores populares foram os primeiros a brindar suas conseqüências: cerceamento

<sup>47</sup> LIBÂNIO, João Batista, "VII Encontro Intereclesial das CEBs: o evento", *REB*, 49 (989) 522; SOUZA, Marcelo de Barros, "Quando a celebração e vida se confundem", *REB*, 49 (989) 543.

na perspectiva de ingresso na esfera de bens e direitos sociais, crescente desigualdade social, aumento descomunal do desemprego. Em suma, o aprofundamento da exclusão social.

A crise do pensamento marxista e o desmantelamento do socialismo real no final dos anos 80 provoca, sem dúvida, um descompasso no imaginário político dos segmentos populares envolvidos nos projetos de libertação. As possibilidades de se pensar uma sociedade alternativa ao Capitalismo fica bloqueada e instaura-se um clima de certa perplexidade e desencanto. O movimento popular, e também as CEBs, vive a experiência da subtração de "um dos conteúdos reais que dava suporte à sua utopia."<sup>48</sup> Nas CEBs, esta experiência é vivida com a crise da idéia de uma "nova sociedade". Mas, curiosamente, talvez em razão do contrapeso do horizonte utópico do Reino de Deus, mantém-se vivo, ainda que de forma difusa, o desejo de uma sociedade distinta e libertária, ou ainda melhor, o desejo de uma vida

nova e de um mundo diferente.

Com respeito à conjuntura eclesial católica, os anos 90 refletem a continuidade do projeto da busca de um "novo equilíbrio eclesial", agora articulado com o projeto de uma nova evangelização. O apoio ao projeto participativo das CEBs permanece ofuscado na dinâmica do projeto centralizador que atravessa quase hegemonicamente a instituição católica. A força do projeto de centralização conservadora revela-se, sobretudo, no processo de sua dinâmica interna, tanto em nível da Igreja universal com em nível das Igrejas locais. Verifica-se uma evidente "desaceleração" de todos os projetos participativos e libertadores.<sup>50</sup> Uma análise coerente da conjuntura eclesial não pode, porém, limitar-se ao itinerário das esferas institucionais. Neste campo, de fato, o horizonte é mais sombrio. Há um outro lado da realidade, que manifesta a imensa vitalidade da Igreja do Brasil, em particular das CEBs, em seu crescimento e consolidação, sempre atenta e disponível aos novos desafios e sinais dos tempos.<sup>51</sup>

<sup>48</sup> STEIL, Carlos. In: LESBAUPIN, Ivo. *et alii. Para entender a conjuntura atual*. Petrópolis, Vozes, 1996, p. 44. Ver também BOFF, Clodovis. "CEBs: a que ponto estão e para onde vão". In: Vários. *As comunidades de base em questão*. Op. cit., p. 277.

<sup>49</sup> Clodovis Boff destacou com acerto esta sêde de nova utopia nas CEBs. Cf. BOFF, C. "Comunidades eclesiais de base e culturas". In: TEIXEIRA, Faustino *et alii. CEBs: cidadania e modernidade*. Uma análise crítica. São Paulo, Paulinas, 1993, p. 86. Ver tb. LESBAUPIN, Ivo. "As comunidades de base e a transformação social". In: Vários. *As comunidades de base em questão*. Op. cit., p. 74.

<sup>50</sup> BOFF, Clodovis. "Uma análise de conjuntura da Igreja católica no final do milênio". In: LESBAUPIN, I. *et alii. Para entender a conjuntura atual*. Op. cit., p. 51-81.

<sup>51</sup> BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil*. De João XXIII a João Paulo II - De Medellín a Santo Domingo. Petrópolis, Vozes, 1994, p. 291.

1. O VIII Encontro Intereclesial de CEBs: Culturas oprimidas e a evangelização na América Latina - Santa Maria, RS (de 08 a 12 de setembro de 1992)

O VIII Encontro Intereclesial de CEBs realizou-se em Santa Maria em setembro de 1992. O Encontro contou com a participação de 2.238 delegados brasileiros e 88 de outros países da América Latina e Caribe. Entre os participantes 1.469 eram leigos, 335 religiosos, 98 bispos (dos quais 66 católicos), 55 assessores, 106 evangélicos (dos quais 35 pastoras e pastores), 43 índios, 1 pajé, 2 pais de santo e 1 mãe de santo. O evento ocorreu num momento particular da vida brasileira, marcado pelas críticas à corrupção do governo Collor e a busca de uma saída ética e democrática para a crise, que acabou resultando no *impeachment* do presidente no final de 1992.

A temática do Encontro foi pensada em função da sintonia com o tema da IV Assembléia Episcopal Latino-Americana, em Santo Domingo, que se realizaria um mês após o Intereclesial de Santa Maria. A escolha do tema da cultura como eixo nucleador do evento acrescentou um elemento novo na tradição dos Intereclesiais. Em geral, nos Encontros anteriores a temática da fé e política ocupava um lugar de destaque nas reflexões e celebrações. A questão da cultura, ainda que presente, não tocava de forma decisiva a sensibilidade dos participantes. Para muitos, a concentração na temática cultural consistia num desvio de atenção da problemática essencial da luta libertadora. Este tema sequer fazia parte da agenda dos teólogos brasileiros, com raras exceções.

A emergência da temática da inculturação nas CEBs produziu um efeito de profunda repercussão na vida das comunidades e na sua relação com a grande Igreja. Se antes, na década de 70 e inícios de 80, a temática fé e política já havia causado tensão e desconforto, a entrada desta nova questão exerceu um impacto ainda mais explosivo. A emergência de uma reflexão que privilegia a questão da cultura, particularmente quando se trata da cultura religiosa, aciona energias inauditas ou abafadas. Trata-se de um tema que atravessa as pessoas por dentro, acionando emoções vigorosas, suscitando a emergência mais nítida da questão do autoritarismo na dinâmica da vida eclesial.

Os participantes do Intereclesial foram distribuídos em cinco plenários. Cada plenário tratou de uma temática específica, sempre em

<sup>52</sup> LIBÂNIO, João Batista, "VIII Encontro Intereclesial das CEBs (eventos no evento)", *REB* 52 (1992) 792. Ver ainda: MARINS, José & TREVISAN, Theolide & CHANONA, Carolee, "Elementos para avaliar o VIII Encontro Intereclesial das CEBs", *REB* 52 (1992) 810.

torno do tema geral: "Culturas oprimidas e a evangelização na América Latina". Cada bloco ficou encarregado de um tema: índios, negros, migrantes, trabalhadores e mulheres. Esta experiência inovadora de evangelização a partir dos povos e culturas oprimidas não ocorreu sem momentos de dificuldade e tensão. Segundo a expressão do documento final: "tudo o que é novo, nasce com dor de parto, mas também traz alegria."<sup>53</sup>

Sobretudo do bloco dos negros e das mulheres vieram as reivindicações mais contundentes. O tema da inculturação criou as condições necessárias para a irrupção vigorosa do direito de participação e vida dos negros e mulheres com sua cidadania garantida no espaço eclesial. Enquanto, nos Encontros anteriores, esta presença ganhava visibilidade nas celebrações, desta vez deu-se um passo avante, e o direito à cidadania vem reivindicado com mais clareza e firmeza. Os negros reivindicam o seu lugar específico na afirmação de um rosto novo de Igreja, que implica respeito pelas diferenças culturais e espaço de legitimidade para uma maneira própria de expressão de fé. Indicam a necessidade de uma ampliação da discussão ecumênica nas CEBs e

a abertura para a questão macro-ecumênica.

54

Revelam que não se

pode tratar de ecumenismo na pastoral popular, sem fazer referência às religiões afro-brasileiras. Um episódio particular ocorrido no Intereclesial causou desconforto e perplexidade entre os participantes. No momento da apresentação ao grande público dos bispos, pastores e pastoras presentes no Intereclesial, julgou-se impropriedade convidar o pajé e os babalorixás presentes para subirem ao palco como "pastores" de suas religiões. Tal decisão foi motivada pelo fato de se tratar de um Encontro católico, ainda que aberto à prática ecumênica. Esta situação provocou uma manifestação inusitada de protesto de um babalorixá e pajé que subiram ao palco e tomaram o microfone para protestar contra a discriminação sofrida. Este fato produziu interpretações diversificadas, dividindo opiniões entre os bispos e assessores

55

presentes.

A afirmação da cidadania eclesial das mulheres ocorreu igualmente com expressividade e contundência em Santa Maria. É sabido o papel fundamental exercido pelas mulheres no cotidiano das CEBs no Brasil.<sup>56</sup> Constituem a força viva de animação e liderança das comunidades. No VIII Intereclesial elas constituíam 48,3 % das pre-

<sup>53</sup> Carta de Santa Maria. In: TEIXEIRA, Faustino. Os *Encontros ... Op. cit.*, p. 200.

<sup>54</sup> O VIII Intereclesial antecipava a questão do macro-ecumenismo que surgirá como traço importante da caminhada latino-americana na Assembléia do Povo de Deus, realizada logo depois do Encontro de Santa Maria em Quito, no Equador.

<sup>55</sup> TEIXEIRA, Faustino. Os *Encontros ... Op. cit.*, p. 119 e n. 195.

<sup>56</sup> Ver ADRIANCE, Madeleine Cousineau. *Terra prometida*. As comunidades eclesiais de base e os conflitos rurais. São Paulo, Paulinas, 1996, p. 215-236.

senças, exercendo um papel de destaque nos grupos e plenários, bem como entre os assessores. No documento final do Encontro, elas puderam tornar presente o sentido de um novo feminismo que desponta nas CEBs. Sublinham a importância do reconhecimento do seu lugar na Igreja, em igualdade de condições e o seu direito de participar em todos os níveis de poder e decisão. Insistem também no respeito por sua identidade feminina e o direito de lutar pela autovalorização do próprio corpo, redescobrando sua sexualidade e construindo o novo nas relações homem-mulher. Em trecho da carta que causou maiores dificuldades, as mulheres afirmam: "Queremos ser reconhecidas nos Ministérios que já exercemos. Nosso empenho deve ser, mais ainda, pela conquista não apenas das assembléias e tribunas, mas também dos altares e dos púlpitos. É fazendo que se aprende! O q.ue não está oficializado se oficializa pela prática!"<sup>57</sup>

Um dos aspectos mais marcantes do Intereclesial de Santa Maria foi sua dimensão celebrativa. É interessante constatar como a partir dos últimos Encontros esta dimensão foi cada vez mais crescendo em importância, revelando não apenas a intensa criatividade das comunidades, mas também a alegria com que vivem os momentos de proximidade com o Senhor. O caráter celebrativo constitui hoje, sem dúvida, um dos traços mais importantes dos Intereclesiais de CEBs. A temática do Encontro certamente favoreceu a grande riqueza das celebrações, e em particular os esforços no sentido de uma expressão litúrgica sintonizada com o horizonte das culturas oprimidas.

Este Encontro revelou um amadurecimento litúrgico e espiritual das comunidades. Os momentos de espiritualidade e as celebrações, tanto nos cinco blocos como no plenário maior, enriqueceram-se com um estilo mais orante e permeável à irrupção da novidade do Espírito.<sup>58</sup> As celebrações foram marcadas pela participação, pela vitalidade dos símbolos e a dinâmica dos gestos. A atenção e o carinho dedicados aos elementos materiais do culto e o espaço litúrgico manifestavam a sublimidade do acontecimento. Esta experiência de amadurecimento litúrgico foi também garantida por toda uma dinâmica de avaliação e reflexão que acompanhou todo o processo de

<sup>57</sup> Carta de Santa Maria. In: TEIXEIRA, Faustino. Os *Encontros ... Op. cit.*, p. 203. Lúcia Ribeiro, uma das assessoras presentes no VIII Intereclesial, elaborou uma interessante pesquisa intitulada "Entre (in) certezas e contradições: práticas reprodutivas entre mulheres das comunidades eclesiais de base da Igreja católica. O caso de Nova Iguaçu." Nesta pesquisa, publicada pelo ISER (1995), a autora demonstra como as mulheres nas comunidades querem ter o direito ao próprio corpo e ser senhoras de suas opções afetivas, mas buscam viver sua prática sexual e reprodutiva no interior da família e anseiam estabelecer relações estáveis.

<sup>58</sup> MURAD, Afonso & GUIMARÃES, Marcelo Resende, "O amadurecimento litúrgico das CEBs e os sinais de uma nova espiritualidade", *REB* 52 (1992) 824.

preparação do Intereclesial. Durante o Intereclesial, uma equipe de cerca de 60 pessoas, com representação dos vários regionais, assessores e membros da equipe de liturgia local, reuniu-se a cada noite não apenas para acertar detalhes das celebrações, mas também para acompanhar todo o processo celebrativo do evento.

## 2. A caminho do IX Encontro Intereclesial: CEBs: vida e esperança nas massas - São Luís, MA (de 15 a 19 de julho de 1997)

Determinados acontecimentos ocorridos no Intereclesial de Santa Maria imprimiram um ritmo particular à dinâmica de preparação do IX Intereclesial. Os assuntos delicados tratados em Santa Maria, as decorrentes tensões ali ocorridas e sobretudo o teor da carta final, motivaram o bispo diocesano de Santa Maria, Dom Ivo Lorscheiter, a escrever aos irmãos no episcopado<sup>59</sup> registrando suas impressões sobre o Intereclesial. Em carta, datada de 16 de setembro de 1992, levanta alguns pontos para a reflexão dos bispos, entre os quais uma profunda revisão dos Encontros Intereclesiais: "Qual é a sua verdadeira finalidade? Quem deles deve participar e com que responsabilidade? Como devem ocorrer a elaboração e aprovação de eventuais cartas, mensagens e moções? Como vai assegurar-se o correto Ecumenismo e o correto Diálogo Inter-religioso num Encontro de Comunidades católicas?"<sup>60</sup> Nesta carta, Dom Ivo sugere a retomada do estudo teológico e pastoral da realidade das CEBs por alguma das instâncias da CNBB.

Acolhendo a sugestão de Dom Ivo, os bispos do Brasil, através do Conselho Permanente da CNBB, em reunião ocorrida em novembro de 1993, enviaram uma carta dirigida às Comunidades Eclesiais de Base, onde sublinham a importância da comunhão eclesial como essencial característica das CEBs e apontam alguns desafios a serem enfrentados: o desafio da grande massa, da abertura à religiosidade e cultura do povo, da espiritualidade e da articulação das CEBs entre si e com os outros níveis da Igreja. Sublinha-se também entre os desafios a necessidade de preparação das comunidades para o diálogo com outras Igrejas e religiões. Os bispos sublinham ainda a necessidade de um maior aprofundamento do tema da eclesialidade das CEBs (sua identidade católica, suas celebrações litúrgicas, o exercício de seus ministérios e carismas etc.) e apontam o caminho de diálogo com representantes das CEBs para o debate deste e outros aspectos importantes da vida das CEBs.<sup>61</sup>

<sup>59</sup> Ver TEIXEIRA, Faustino. *Os Encontros ... Op. cit.*, p. 205

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 206.

<sup>61</sup> CNBB. "Cartas às Comunidades Eclesiais de Base". *In*: TEIXEIRA, Faustino. *Os Encontros ... Op. cit.*, p. 208-214.

Com o incentivo da CNBB, acontecem dois encontros da Comissão Episcopal, designada pelo Conselho Permanente da CNBB, com representantes da Ampliada Nacional, com o objetivo de abrir um canal de diálogo da CNBB com as CEBs e tratar as questões pertinentes que interessam as CEBs e os Intereclesiais. Estes encontros ocorreram em junho de 1994 (primeiro) e abril de 1995 (segundo).

No primeiro encontro, enfocou-se particularmente a questão da identidade das CEBs e dos Intereclesiais. Dentre os resultados do diálogo evidenciou-se que "as CEBs e os Intereclesiais são católicos abertos à prática ecumênica", e a responsabilidade última pela realização dos Intereclesiais é da Igreja católica, que conta com a colaboração dos irmãos de outras Igrejas.<sup>52</sup> Destacou-se ainda a necessidade de maior aprofundamento da dimensão ecumênica das CEBs e dos aspectos que tocam o diálogo inter-religioso: matriz pluricultural do catolicismo, diálogo com a religião afro-brasileira e o desafio da inculturação (litúrgica, teológica e pastoral).

O segundo encontro tratou mais especificamente dos desafios da inculturação e da liturgia, bem como a questão dos ministérios, com ênfase na participação da mulher. Os participantes puderam destacar sinais significativos de avanço da questão da inculturação na caminhada das CEBs. A inserção popular das CEBs tem favorecido significativos avanços tanto no campo da liturgia, com o resgate das expressões culturais do povo (inculturação litúrgica), como no campo do ecumenismo, favorecendo uma maior compreensão de outras expressões religiosas. Quanto aos ministérios, as CEBs têm favorecido o avanço na consciência do sacerdócio comum do Povo de Deus e do sentido de sua missionariedade. Merece destaque a participação das mulheres neste campo, conferindo maior dinamismo, alegria e criatividade na prática ministerial. A participação colegiada nos múltiplos serviços tem sido um contributo importante na afirmação da cidadania eclesial dos pobres, embora nesta caminhada ministerial muitos desafios permaneçam em aberto: concentração ministerial na mão dos presbíteros, forte marca de suplência e instabilidade no exercício ministerial dos leigos, resistências à capacidade e dignidade dos leigos no desempenho dos ministérios.

<sup>52</sup> Ata do primeiro encontro da comissão de diálogo. In: TEIXEIRA, Faustino. *Os Encontros ... Op. cit.*, p. 217. Como sublinha Clodovis Boff, se até o VIII Intereclesial a questão da "catolicidade institucional das CEBs" carecia de clareza teológica e prática, o diálogo acionado pela carta de Dom Ivo baliza o terreno da identidade das CEBs e de sua relação com as outras Igrejas, tranquilizando, assim, setores do episcopado preocupados com os rumos de "autonomização" das CEBs. Cf. BOFF, Clodovis. "CEBs: a que ponto estão e para onde vão". In: Vários. *As comunidades de base em questão. Op. cit.*, p. 269.